

RESENHA

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. 134 p.

Gildete Rocha Xavier¹

O livro de Auroux, intitulado *A revolução tecnológica da gramatização*, é o resultado de trabalho desenvolvido num programa de pesquisa sob sua direção. Nessa obra, o autor apresenta duas teses. A primeira diz respeito ao nascimento das ciências da linguagem e a segunda refere-se ao que ele chama de *gramatização*.

A obra está dividida em três capítulos, precedidos de um Prefácio do autor e seguidos de dois Apêndices, Notas e Bibliografia. No Prefácio, o autor apresenta seus objetivos e suas posições teóricas e se propõe a buscar respostas para as questões: quando e em que circunstâncias nasceram as disciplinas consagradas à linguagem? Qual é o impacto das referidas disciplinas sobre o desenvolvimento cultural humano?

No primeiro Capítulo, *O nascimento das metalinguagens*, o autor sustenta a tese de que a escrita é um fator necessário ao aparecimento das ciências da linguagem, contrariando o que, normalmente, postulam os historiadores, os filósofos e os lingüistas: ser esse aparecimento uma das causas do nascimento da escrita.

Inicia o primeiro Capítulo apresentando algumas considerações sobre trabalhos que dizem respeito à história dos conhecimentos lingüísticos, dividindo-os em três categorias: “i. os que visam a constituir uma base documentária para a pesquisa empírica; ii. os que são homogêneos à prática cognitiva de que derivam; iii. os que têm um papel fundador” (p. 11).

O autor lança mão dos princípios “da definição puramente fenomenológica do objeto, da neutralidade epistemológica e do historicismo moderado”, no sentido de construir respostas às questões: “sob que formas se constitui, no tempo, o saber lingüístico? Como essas formas se criam, evoluem, se transformam ou desaparecem?”

A expressão “saber lingüístico” possui dois sentidos muito diferentes segundo o autor: no primeiro sentido, esse saber é epilingüístico; no segundo, é metalingüístico. Para ele, é a passagem do saber epilingüístico ao metalingüístico que caracteriza o nascimento das ciências da linguagem. Nessa passagem, há uma fase de transição que Auroux denomina de *consciência lingüística*. Dentre os componentes que, na perspectiva do autor, parecem determinar o saber lingüístico, encontram-se

¹ Doutora em lingüística pela Unicamp (Área de concentração: Aquisição da linguagem); Professora do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Endereço eletrônico: gildete.xavier@uol.com.br.

três tipos de domínio: “o *domínio da enunciação*, o *domínio das línguas* e o *domínio da escrita*” (p. 17).

Segundo o autor, o nascimento da escrita é de fundamental importância para a história das representações lingüísticas. Contrariando o pressuposto de que o conhecimento lingüístico é a origem da escrita, Auroux argumenta que o saber lingüístico estava presente apenas nas civilizações em que a escrita já havia sido consolidada. Com relação à questão de como se dá o nascimento espontâneo de uma tradição de saber lingüístico, Auroux afirma que o fato de a escrita dos babilônios, dos egípcios, dos gregos e dos chineses produzir textos, não significa uma produção espontânea de uma reflexão sobre a natureza da linguagem. Para o autor, “o que faz deslancar verdadeiramente a reflexão lingüística é a alteridade, considerada essencialmente do ponto de vista da escrita” (p. 22). Acrescenta que o nascimento do saber lingüístico “tem sua fonte no fato de que a escrita, fixando a linguagem, objetiva a alteridade e a coloca diante do sujeito como um problema a resolver” (p. 23).

O autor argumenta ainda que uma tradição lingüística espontânea não pode nascer a partir do *domínio das línguas*. Para ele, a primeira análise gramatical aconteceu em função da necessidade de se compreender um texto escrito e não em virtude de se precisar falar uma determinada língua. E só no início do segundo milênio surgiram *paradigmas sistemáticos* e uma *terminologia gramatical*, entre os sumeriano/acadiano. Como nesta época o sumeriano é uma língua quase extinta, esse fato vem corroborar, segundo o autor, a idéia do surgimento do saber lingüístico a partir do texto escrito.

No segundo capítulo, *O fato da gramatização*, o autor começa traçando um panorama histórico sobre o desenvolvimento das concepções lingüísticas européias, que compreende um período que vai do século V até o final do século XIX. Nesse período, segundo o autor, acontece um processo de *gramatização massiva* das línguas do mundo, que ele considera como sendo a *segunda revolução técnico-lingüística*, depois da escrita no terceiro milênio, antes de nossa era. Esse processo de gramatização, que se dá a partir da tradição lingüística greco-latina, será responsável pelas grandes transformações que vão acontecer em todas as sociedades humanas.

O autor apresenta, em seguida, um conjunto de transformações ocorridas na história das ciências da linguagem que estariam ligadas à gramatização das línguas do mundo. A gramática vai se ocupar da filologia até o domínio das línguas e passa a ser concebida como uma técnica pedagógica de aprendizagem de línguas e como um instrumento de descrição delas. É neste período também que se dão o aparecimento e desenvolvimento da gramática especulativa medieval e da gramática geral da época clássica. A partir do século XVI, a etimologia passa a ser considerada um dos raros saberes lingüísticos antigos. Os humanistas rompem com o latim medieval e restituem o latim dos clássicos. Assinala-se também o aparecimento do

dicionário monolíngüe e, por fim, localizar línguas faladas e construir modelos sobre suas relações estruturais e filiação, constituirão uma das preocupações científicas do século XIX.

Auroux considera o Renascimento como o início de um processo que distingue a tradição ocidental de todas as outras tradições de reflexão lingüística. Ele se refere aqui à gramatização dos vernáculos europeus e das outras línguas do mundo a partir da tradição greco-latina. Reconhece que esse processo teve início no século VII, embora não possa ser comparado quantitativa ou qualitativamente ao processo que se dá no final do século XV, a partir do italiano, espanhol, francês, português, alemão e inglês, línguas que passarão a dominar a história da Europa.

Uma questão importante que é discutida pelo autor com relação à gramatização das línguas do mundo é o fato de ela ter acontecido a partir da Europa e de ter tomado uma amplitude significativa numa época tão tardia. Auroux vai buscar as razões do desenvolvimento da gramatização a partir da situação histórica em que se encontrava o mundo latino. Por um lado, o desaparecimento do papel vernacular do latim e o nascimento das línguas neolatinas (século VII a IX), provocados pela invasão e fragmentação do Império Romano do Ocidente. Por outro lado, a permanência do latim como língua de administração e da cultura intelectual e religiosa. A partir do século IX, com a restauração voluntária da cultura latina, tem-se a passagem do latim ao estatuto de segunda língua e como conseqüência a gramática latina torna-se uma técnica de aprendizagem de língua para os europeus. A gramática se torna, a partir de então, uma técnica geral de aprendizagem que deve ser aplicada a todas as línguas.

A gramatização dos vernáculos, embora tenha na tradução das gramáticas latinas uma das suas principais fontes, não se limitou ao latim, mas serviu também de ponto de partida para uma outra língua (as obras de Nebrija para os hispanofones e, para os portugueses, a gramática de João de Barros (1540)). É nesse sentido que o autor se refere a uma “*Gramática latina estendida*” (p. 44).

Quanto à questão de a gramatização do vernáculo ter-se generalizado só a partir do século XVI, o autor argumenta que por toda a Idade Média vai existir um equilíbrio entre um latim – da religião, do poder e do saber letrado – e vernáculos que se aprendem no dia a dia, e que a falta de gramatização dos vernáculos na Idade Média não é devida à falta de meios, mas à falta de interesse. Assim, a necessidade de “*aprendizagem de uma língua estrangeira*” (p. 46) parece ser, de acordo com o autor, a primeira causa de gramatização.

A segunda causa estaria relacionada “*à política de uma língua dada*” (p. 47), e pode compreender dois interesses: “organizar e regular uma língua literária; desenvolver uma política de expansão lingüística de uso interno ou externo”. Para o autor, o que parece impedir a gramatização dos vernáculos na Idade Média é a falta de uma política de expansão lingüística. Assim, essa política só se desenvolverá a

partir da constituição das nações europeias no século XVI, o que vai significar uma profunda modificação das relações sociais. A gramática castelhana (Nebrija, 1492), por exemplo, aparece ao mesmo tempo em que surgem os grandes acontecimentos para a história da Espanha – “o casamento dos reis católicos, a Queda de Granada, e a viagem de Colombo” (p. 49).

Segundo o autor, o próprio Nebrija dizia que essa gramática teria a finalidade de fixar a língua, facilitar a aprendizagem do latim para as crianças e permitir aos estrangeiros aprender o castelhano.

Embora o latim continue sendo, por muitos séculos, a língua privilegiada da comunicação científica, as atividades espirituais e as intelectuais terão como base uma cultura e uma prática codificada do vernáculo. A gramatização dos vernáculos, segundo o autor, deve ser associada a três elementos que para ele são de fundamental importância: a renovação da gramática latina, a imprensa e as grandes descobertas. É a partir do nascimento do humanismo na Itália no século XIV, que tem como finalidade a restauração do latim da época clássica, que se dá a renovação do ensino do latim através da Europa. A gramatização dos vernáculos europeus acontece após a primeira utilização ocidental da imprensa (1447). Com o advento da imprensa, multiplica-se o mesmo texto, aumenta a sua difusão e a sua permanência passa a ser considerada a forma privilegiada de historicização do saber.

No que se refere ao terceiro Capítulo, *O conceito de gramatização*, o autor começa apresentando o conceito de *gramatização*, que deve ser entendido como o processo que leva à descrição e instrumentalização de uma língua através da gramática e do dicionário. Faz algumas considerações a respeito da gramatização pelos europeus para, em seguida, ao definir aquilo a que ele chama de *gramática* de uma língua dada, dar conta do conceito de *gramatização*.

A gramatização pelos europeus está ligada a um processo de alfabetização que segundo o autor, realiza-se, inicialmente, a partir de um locutor nativo (alfabetizado em latim) que tenta adaptar a escrita ao som que ele ouve. Da mesma forma, a alfabetização das línguas não-indo-europeias depende, em grande parte, dos locutores dos vernáculos europeus, que não fazem evidentemente as mesmas transcrições. Com o advento da imprensa, a ortografia se torna um problema, e esse fato é que vai justificar o aparecimento dos primeiros tratados de ortografia dos vernáculos europeus, antes mesmo do aparecimento de suas primeiras gramáticas.

Auroux concebe a gramática de uma língua dada como algo que compreende: uma categorização das unidades; exemplos; e regras para construir enunciados. Chama a atenção para a importância de *exemplos* – elementos que se mantêm no tempo, em consequência do processo de tradução de língua pra língua – e acredita que a constituição de um corpus destes é um elemento decisivo para a gramatização: além de disfarçar a ausência de certas regras, pode ser usado para negar as

regras, ou até mesmo para justificar outras descrições e outras regras. Quanto à categorização dos enunciados, esta compreende termos teóricos – partes do discurso, suas definições e propriedades – e uma fragmentação da cadeia falada. As regras podem ser vistas como prescrições ou descrições.

É por entender a gramática como equivalente a um corpus de afirmações que podem ser verdadeiras ou falsas, que o autor considera a gramática uma descrição lingüística. Os gramáticos precoces – de Nebrija (1492) a Larramendi (1729) – têm como objetivo reduzir a língua a regras, e isto, de acordo com o autor, abraça todas as línguas vivas. A variabilidade diacrônica que apresentam os vernáculos europeus os deixa em situação de inferioridade perante a estabilidade literária do latim. Além disso, na ausência de intervenções tecnológicas, a tendência de variação das línguas é muito grande. É a gramatização dessas línguas, que influenciada pelas discussões sobre o “bom uso”, vai reduzir essa variação.

A gramática, como argumenta o autor, não se resume apenas a uma simples descrição da linguagem natural mas, mais que isso, ela tem que ser entendida como um *instrumento lingüístico* capaz de levar até ao locutor, regras e formas que não fazem parte de sua competência. O mesmo acontece em relação aos dicionários em que o domínio da maioria das palavras é impossível. O aparecimento dos instrumentos lingüísticos vai propiciar a constituição de *espaços/tempos de comunicação* que, segundo o autor, terá dimensões que não se comparam ao que pode existir nas sociedades orais que não dispõem de uma “gramática”. Aqui, ele se refere não só às línguas dos vernáculos europeus, mas a todas as línguas do mundo às quais serão impostos os instrumentos europeus. O autor salienta a necessidade de se considerar as línguas como homogêneas e sempre idênticas a elas mesmas, independentemente dos locutores, do espaço e das circunstâncias, como uma consequência da gramatização.

Os dicionários, da forma como os concebemos atualmente, não existiam na tradição lingüística inicial. A lexicografia foi constituída, de início, a partir de listas temáticas de vocabulário – consideradas como os instrumentos pedagógicos mais antigos da humanidade; listas de palavras antigas e difíceis, de homônimos, de sinônimos, dicionários de rimas; glossários independentes alfabéticos mono- bi-, ou n-lingües. Auroux atribui aos glossários a origem do dicionário monolíngüe moderno. O primeiro dicionário latim-inglês contém em torno de 12.000 entradas lexicais inglesas. O dicionário monolíngüe de uso dos nacionais, que deriva desse trabalho lexical, objetiva a normatização dos idiomas, o que corresponde ao mesmo objetivo da gramatização das línguas nacionais. A gramatização, segundo Auroux, inicia-se a partir do primeiro saber metalingüístico de uma língua dada, e embora seja difícil definir até onde vai esse processo de gramatização, é possível entender o que significa para uma língua “ser gramatizada” – é quando se pode

falar ou ler, isto é, aprender essa língua a partir apenas dos instrumentos lingüísticos disponíveis.

O autor apresenta, em seguida, algumas considerações a respeito do processo de gramatização que se dá a partir de uma transferência de tecnologia de uma língua para outras línguas. Nesse caso, ele distingue entre dois tipos de transferência: endotransferência – quando o sujeito que efetua a transferência é locutor nativo da língua para a qual esta ocorre; e exotransferência – quando esse sujeito não é locutor nativo. Em se tratando de lingüística, tem-se, da mesma forma, endogramatização e exogramatização. Assim é que à gramática do latim é atribuído o processo da endogramatização e da endotransferência cultural (na direção grego/latim), o mesmo acontecendo em relação aos vernáculos europeus (na direção latim/vernáculos europeus). Tem-se, por outro lado, a exogramatização quando vernáculos sem escrita são gramaticalizados por missionários, exploradores ou lingüistas.

Para os locutores dos vernáculos europeus que já possuem o conhecimento epilingüístico da sua língua, eles devem transformar esse conhecimento em um metalingüístico, tendo sua língua como objeto. É a partir da gramática latina que os primeiros gramáticos dos vernáculos europeus podem observar os fenômenos de sua própria língua. Mas, quando a tradição nacional já se encontra bem estabelecida, a gramática do latim sai de cena, em favor dos autores literários, das normas lingüísticas e dos dicionários nacionais. No caso da Exogramatização, ao contrário, não existe um conhecimento epilingüístico, daí a necessidade de técnicas de observação e de tradutores.

O livro apresenta, ainda, métodos e técnicas usados na descrição de uma língua a partir das categorizações do latim, ou do próprio vernáculo europeu, se a finalidade do trabalho é permitir que se possa falar e compreender, por exemplo, uma língua “exótica”.

Em seguida, Auroux apresenta uma discussão a respeito do aparecimento de considerações gerais sobre a estrutura das línguas. Segundo ele, costuma-se datar esse aparecimento ou com a gramática especulativa medieval, ou com a gramática geral de Port-Royal. Enfatiza que a gramática teórica medieval, embora diga respeito apenas ao latim, trata unicamente do *enunciado* em geral, mas não da língua latina como objeto. Assim, o ensino gramatical do latim na Idade Média tem um direcionamento pedagógico e é determinado pelas técnicas de memorização e pela preocupação do detalhe morfológico. Os gramáticos – ou os lógicos – não se interessam pela classificação das formas das unidades lingüísticas, preocupando-se apenas com a semântica referencial e com a estrutura abstrata da predicação.

Quanto à gramática geral, esta aparece depois da gramatização, e, segundo o autor, tem outra finalidade: ela se propõe a ser a ciência do que é comum a todas as línguas. O interesse então se desloca do latim para as línguas nacionais românticas

– embora o primeiro continue sendo o modelo segundo o qual todos os outros idiomas são pensados – e a gramática geral “pretende ser a ciência das leis da linguagem às quais devem se submeter todas as línguas” (p. 88). Auroux acredita que a contribuição mais importante da gramática geral está ligada mais diretamente com a descrição racional dos vernáculos europeus ou com a filosofia da linguagem, para a qual ela cria um espaço para a discussão da relação da linguagem com o pensamento.

Por fim, o autor coloca a questão da gramatização dos vernáculos europeus, que se deu paralelamente a uma discussão a respeito de suas origens, suas filiações e sobre suas relações com as línguas do mundo. Para ele, de um lado, foi o empreendimento intelectual mais importante do mundo greco-latino; e de outro lado, no que se refere às ciências da linguagem, foi o território mais marcado pela mitologia. As discussões sobre a origem das línguas acontecem no quadro mitológico e a laicização posterior conservará por muito tempo a estrutura inicial, por exemplo, a permanência do modelo genealógico e a predominância do monogenetismo. Assim, com o conhecimento das línguas do mundo há uma mudança de visão com relação às suas origens.

São duas as conseqüências desse desenvolvimento científico que, segundo o autor, merecem destaque. A primeira diz respeito à etimologia que, a partir do Renascimento e depois que uma grande quantidade de vernáculos encontra-se gramaticalizados – não podendo mais explicar a “origem” de uma palavra a partir de uma forma que pertence a uma única língua (etimologia interpretativa) – passa a tratar das relações entre formas e sons, caracterizando, assim, a “nova etimologia”. A segunda conseqüência corresponde à rede que forma os conhecimentos lingüísticos. Enquanto a gramática geral responde à questão da conexidade e da genealogia das línguas, para tornar conexa a rede de conhecimentos metalingüísticos, é preciso que o conhecimento lingüístico deixe de ter como objetivo interesses práticos (pedagógicos) e passe a ter como fim único o interesse do conhecimento pelo conhecimento. Isso só acontece a partir das grandes quantidades de compilações que reuniram as línguas do mundo no último quarto do século XVIII. Enfim, o autor chama a atenção para o fato de que é necessário perceber nesta transformação – o saber metalingüístico como um produto de um puro interesse do conhecimento – “um dos frutos tardios da gramatização” (p. 93).

Em suma, a obra de Auroux trata de questões de fundamental importância para o campo do conhecimento das ciências da linguagem. Os argumentos do autor a respeito das formas de constituição, evolução, transformação ou desaparecimento dos saberes lingüísticos dão lugar a uma outra concepção de história sobre os conhecimentos lingüísticos que, ao nosso ver, traz uma contribuição de valor inestimável ao trabalho de todos aqueles que se interessam por questões relacionadas às ciências da linguagem.

NORMAS EDITORIAIS

Os trabalhos, submetidos à revista *A Cor das Letras*, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), devem observar as seguintes normas editoriais:

1 ÁREA DE CONHECIMENTO

Podem ser submetidos, sob a forma de *artigos* ou *resenhas*, trabalhos oriundos do campo dos estudos lingüísticos, literários e das artes, bem como de outras áreas de conhecimentos afins e/ou interdisciplinares.

Os trabalhos devem ser, preferencialmente, inéditos, redigidos em língua Portuguesa, Inglesa, Francesa ou Espanhola, levando-se em conta a ortografia oficial vigente e as regras para a indicação bibliográfica, conforme normas da ABNT em vigor. É altamente recomendável que o artigo seja submetido a uma revisão técnica (com respeito às normas de apresentação de originais da ABNT) e a uma revisão do vernáculo antes da submissão ao Conselho Editorial.

2 PROCEDIMENTO DE ENVIO

Os trabalhos devem ser enviados diretamente aos editores da revista:

- Girlene Lima Portela: portela.girlene@gmail.com e/ou
- Roberto Henrique Seidel: r.h.seidel@gmail.com ou
- à secretaria do Departamento de Letras e Artes da UEFS: dlet@uefs.br (tel. 075-3224.8185).

3 FORMATAÇÃO

Os trabalhos devem apresentar um resumo breve e objetivo em língua vernácula, traduzido para uma língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol), ambos seguidos de três a cinco descritores (palavras-chave). Além disso, são exigidas as seguintes informações, a serem colocadas na primeira página do trabalho, ou no corpo do e-mail: título do trabalho; nome completo do autor por extenso (ou o nome utilizado em publicações científicas); filiação científica do autor (departamento – instituição ou faculdade – universidade – sigla – cidade – estado – país), bem como explicitação da instituição de aquisição do maior grau de formação e especificação da área de conhecimento.

Os trabalhos devem ser digitados em processador de texto usual, tendo o seguinte formato:

- a) fonte Times New Roman ou assemelhada, tamanho 12, para o corpo do texto; tamanho 11, para citações e 10 para notas;
- b) espaço 1,5 entre linhas e parágrafos; espaço duplo entre partes do texto;